

CORPOS “HARMONIZADOS” NA MUSCULAÇÃO: UMA ETNOGRAFIA SOBRE ANABOLIZANTES¹

Alan Camargo Silva,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Jaqueline Ferreira,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Anabolizantes; Academias de Ginástica; Antropologia.

INTRODUÇÃO

Na Escola de Chicago, uma das principais escolas de atividade do campo das Ciências Sociais, emerge a Sociologia do Desvio no sentido de entender como determinados grupos em dadas circunstâncias estabelecem e classificam simbolicamente o que pode ser considerado desviante (COULON, 1995).

O uso de anabolizante que não segue à lógica da racionalidade biomédica ou à regulamentação legal costuma ser considerado um “desvio” pelos profissionais da área de Educação Física ou do campo da Saúde (SILVA, 2017). Entretanto, sabe-se que as condutas ditas de “risco” para/ com/ no corpo são construídas socialmente e podem variar entre diferentes tempos e espaços (LE BRETON, 2009).

Mais do que atribuir juízos de valor à utilização desses medicamentos, argumenta-se sobre a necessidade de estudos que tenham uma compreensão menos etnocêntrica desse público por meio da alteridade afetiva e humanizada. Por isso, o objetivo da presente pesquisa foi compreender de um ponto de vista socioantropológico o consumo de anabolizantes em uma academia de ginástica situada em um bairro popular carioca.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizada uma etnografia no setor da musculação de uma academia localizada em um bairro popular da cidade do Rio de Janeiro no turno da tarde/ noite entre duas a três vezes

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

na semana durante um ano (2012-2013). A pesquisa ocorreu em um estabelecimento de pequeno porte que margeava uma das favelas da região. O celular do pesquisador foi utilizado como diário de campo.

O local atendia majoritariamente homens negros/ pardos, de baixa escolaridade/ poder aquisitivo, que atuavam em subempregos e/ou tinham trabalhos informais. Os usuários de anabolizantes estavam na faixa etária entre 15 a 35 anos.

RESULTADOS

Um dos dados se referia à ideia de que, para tomar “bomba”, era preciso sentir alguns efeitos colaterais e adversos: “Às vezes, dói, mas a picada é necessária! Vale esperar o resultado!”. Desviante era aquele sujeito que não sentia mal-estar. Nas palavras de Becker (2008), para não ser considerado um *outsider*, era preciso naturalizar ou valorizar os “agravos” ao corpo.

Outro dado sobre quem era desviante se referia à noção de medo: “Parei de utilizar os venenos. Fiquei de cama por semanas!”. Parte dos usuários classificava os riscos a depender das experiências que presenciavam na musculação. Demonstrar receio do que “colocavam para dentro do corpo” os tornavam desviantes. Há uma tendência “dos grupos a conformar-se com uma espécie de média de decisões, neutralizando, assim, as posições marginais” (LE BRETON, 2009, p. 46).

Identificou-se também que para julgar se os sujeitos eram ou não desviantes passava pela ideia de que os “problemas” com o “tomar” deveriam ser vistos como uma forma de superação: “Se passar mal, continua ciclando que você vai voar!”. Os pesquisados relatavam as adversidades que tinham na favela. Logo, superar os efeitos “negativos” dos produtos os distanciavam de se tornarem alguém desviante e significava uma “vitória” na esfera social.

Outro dado foi a ideia de que não bastava tomar, mas aprender a tomar: “Você não sabe usar! Não adianta tomar e não saber treinar ou se alimentar!”. Assim, havia lógicas simbólicas do saber-fazer/ saber-tomar que os moviam para determinados usos anabólicos do corpo (SILVA, 2017).



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

CONCLUSÃO

Na microrrealidade dessa academia, detectou-se que “drogar-se” e “dopar-se” com os anabolizantes não necessariamente eram comportamentos considerados desviantes pelos usuários. No entanto, a depender de quem, porquê, como, o que ou quando tomavam, o processo de “hormonização corporal” poderia ser visto como uma conduta de risco seja para o indivíduo ou grupo social.

Portanto, tais condutas eram compartilhadas em um processo interativo. Em outras palavras, o desvio do uso de anabolizantes era construído através de um aprendizado que passava pelo corpo do usuário.

REFERÊNCIAS

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

COULON, A. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papyrus, 1995.

LE BRETON, D. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas: Autores Associados, 2009.

SILVA, A. C. **Corpos no limite**: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

